

Lembrando, Rememorando: a História Docente de Maria Júlia Cabral

Anne Emilie Souza de Almeida Cabral¹

Recalling, Reminiscing About: the History Teacher of Maria Júlia Cabral

Resumo

Este trabalho, pautado nos pressupostos da História Cultural, tem como objetivo, analisar o processo de formação do ser docente da professora Maria Júlia Cabral. Para a realização desse estudo, utilizei como fonte as memórias de Maria Júlia Cabral e dos seus familiares, dos documentos escritos e da iconografia. Comento sobre a formação identitária docente de Júlia a partir do ano de 1936, ano que ingressou no curso normal do Colégio Imaculada Conceição, até o ano de 1957, quando decidiu morar na capital sergipana. Concluímos que a professora em análise construiu a identidade de uma mulher professora, causada pelas suas experiências profissionais e pessoais.

Palavras-chave: Docência. História. Identidade. Maria Júlia Cabral. Memória.

Abstract

This work, based on the assumptions of Cultural History, aims at analyzing the process of teaching formation of teacher Maria Julia Cabral. In order to carry out this study, I used Maria Julia Cabral's and her family's memories as a source, as well as written documents and iconography. I comment on teacher Julia's identity formation from 1936, the year she joined the normal course at the Colégio Imaculada Conceição, to 1957, when she decided to live in the capital of Sergipe. We conclude that the teacher in question has built the identity of a female teacher, caused by her professional and personal experiences.

Key words: Teaching. History. Identity. Maria Julia Cabral. Memory.



1 Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; membro do grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais e práticas escolares; Professora de Educação Infantil da EMEF Papa João Paulo II e do ensino superior da Universidade Tiradentes.

Como sou pertencente ao grupo docente, tomei a decisão de estudar sobre história da professora Maria Júlia Cabral. Conhecer o seu processo de formação no magistério e a sua atuação como professora foi um dos desafios deste trabalho. Analisar a vida de Júlia permite conhecer o local que ela viveu e criar uma memória coletiva, pois Maria Júlia, conhecida também como Dona Júlia, era uma jovem pertencente a uma família tradicional da cidade de Capela-Se, que decidiu ser normalista e atuar no ambiente escolar.

Capela era um pequeno lugar localizado no interior do Estado de Sergipe, foi lá que Dona Júlia nasceu no dia 11 de abril de 1919. Nesse período Sergipe iniciava o processo de inovação educacional com a criação de grupos escolares e a apropriação dos modernos preceitos pedagógicos, os quais buscavam atender as concepções higienistas defendidos na época².

Um ano antes do seu nascimento, é criado em sua cidade, o Grupo Escolar Coelho e Campos. Esse estabelecimento foi uma maneira do Novo Regime, no caso a República, demonstrar as inovações educacionais, buscando evidenciar uma nova identidade das instituições primárias com edifícios amplos, salas ventiladas e com bastante luminosidade. Ainda sobre Capela, conhecida como a “princesa dos Tabuleiros”, pouco se conhece da sua história, mas existem registros de pessoas que moraram na cidade e que rememoram a pequena localidade, como o poema escrito por Manoel Cabral Machado, que viveu durante anos neste lugar.

“Escritura Pública

Saibam quantos este público

Instrumentos de escritura

De Dote de Capela ou

Tenha outro nome em direito

Por assim virem que no ano

Do Nascimento de Cristo

De hum mil e setecentos

E trinta e cinco, em janeiro,

Aos nove dias do mês

Em Santo Amaro das Brotas

Da nobre Capitania

Sergipe Del Rey chamada

Diante de mim, escrivão,



2 Para saber mais sobre os modernos preceitos pedagógicos vê o trabalho de VALENÇA, Cristina. Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade 1911-1935. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2006.

José Ferreira dos Passos
 E mais duas testemunhas
 Presentes compareceram
 Outargantes doadores
 Casados, meus conhecidos,
 Luiz de Andrade Pacheco
 Perpétua de Matos França
 Moradores desta vila
 No Tabuleiro da Cruz
 E termo desta Comarca
 Disseram serem senhores
 E ainda possuidores
 De terras por justo título
 Do Tabuleiro da Cruz
 E mais o Sítio Coité
 Em meio as Japaratusbas
 Terras havidas de herança
 [...]

Por não ler nem escrever
 A doadora outorgante
 Por ela a rogo assinam
 Frei José de Santa Clara
 Eu, José Ferreira Passos
 Escrivão que escrevi
 Luiz de Andrade Pacheco
 Simeão Antunes Ferreira
 Albano Silveira Passos
 (MACHADO, 2005, p. 19-20)³



Esse poema fala sobre o surgimento da cidade de Capela, que teve a sua origem a partir da doação feita pelo casal Luiz de Andrade Pacheco e sua esposa, Perpétua Matos França. Esta composição descreve especificamente o momento da escritura das terras que foram doadas. O referido casal era dono e morador da terra conhecida como “Tabuleiro da Cruz” e resolveu doar cem contos de réis para a construção da capela em devoção a Nossa Senhora da Purificação, além das terras que ficavam ao redor da Capela. Para a doação dessas terras estavam presentes: Frei José de Santa

3 MACHADO, Manoel Cabral. *Capela: meu chão da infância*. Aracaju: Editora J. Andrade, 2005.

Clara, José Ferreira Passos, Luiz de Andrade Pacheco, Simeão Antunes Ferreira, Albano Silveira Passos.

Quando a professora Júlia nasceu, a economia era baseada na agricultura, mais especificamente na produção de cana de açúcar. Santos (2008)⁴ relata que a partir de 1914 funcionava na referida localidade a Usina Santa Clara e Vassouras, o Grupo Escolar, a Casa do Livro (1928) e o Colégio Imaculada Conceição (1929).

Foi no Colégio Imaculada Conceição que Júlia Cabral fez o Curso Normal. Essa instituição foi fundada por Ariosvaldo Barreto e Antão Correia, porém ela foi mantida pelas freiras, Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, e atendia as filhas da elite capelense. “Utilizava métodos de ensino considerados ultrapassados pela direção do Grupo Escolar, que fazia o discurso da pedagogia Moderna”. (SANTOS, 2008, p. 05)⁵.

Quando ela decidiu fazer o curso de normalista, seu pai não estava concordando com esta possibilidade de Julia Cabral se dedicar aos estudos, pois ele achava que isso não era função de uma mulher e que o correto era que a sua filha se dedicasse totalmente nas funções domésticas.

E pra me formar, foi a única diploma que teve, (pausa), deixe eu lembrar dele, do Governador..., que papai zangou-se comigo. Porque papai... A mentalidade antigamente dos velhos, a mulher era pra casa, pra tomar conta da casa, de menino. Já a minha mentalidade era diferente, eu queria subir. (Maria Júlia Cabral, 2014)⁶

Uma das maneiras que a jovem Júlia encontrou para “subir” foi fazendo o Curso Normal. No período que Maria Julia foi normalista, o curso estava dividido em quatro anos. No seu primeiro ano, em 1936, ela estudou as seguintes disciplinas: Ginástica, Aritmética, Francês, Desenho, Trabalho Manual, Geografia, Português, Música, Religião. A maioria dos seus professores eram as freiras da instituição. O professor de Português foi o Dr. Joel Marcieira de Aguiar, a de geografia a “Irmã Gaudência”, a de Aritmética e Francês, a de Manual foi a “Irmã Claudia”, a de desenho foi a professora “Irma Alverna”, a de Ginástica a docente “Irmã Lucilla”, a de Música, “Irmã Canisia” e o de desenho foi o Padre José Machado (SERGIPE, Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição de Capela, 28 de fevereiro de 1936)⁷.

4 SANTOS, Patrícia Francisca de Matos. Rosa Marcieira Faria: uma arte-educadora sergipana, 2008 <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/>> Acesso em: 10/06/2014

5 SANTOS, Patrícia Francisca de Matos. Rosa Marcieira Faria: uma arte-educadora sergipana, 2008 <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/>> Acesso em: 10/06/2014

6 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

7 SERGIPE, Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição de Capela, 28 de fevereiro de 1936. Arquivo da Escola Imaculada Conceição de Capela-SE.



Havia toda uma rotina dentro do Colégio o que desencadeou numa prática escolar seguida de normas, assiduidade e disciplina. As matérias do curso estavam distribuídas durante o horário da manhã e cada professor tinha um momento específico para desenvolver a aprendizagem das meninas normalistas, além do tempo de descontração das alunas que era o recreio.

Figura 1: Recorte do horário do 1º ano do Curso Normal da Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição, 1936.8

Horario do 1º anno normal						
Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sabbado
8 - 8 ⁵⁰	Gymnastica	Gymnastica	Francez	Arithmetica	Francez	Arithmetica
8 ⁵⁰ - 9 ⁴⁰	Arithmetica	Manual	Musica	Manual	Musica	Manual
9 ⁴⁰ - 10	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
10 - 10 ⁵⁰	Francez	Geographia	Religião	Geographia	Religião	Geographia
11 - 11 ⁵⁰	Desenho	Portuguez	Desenho	Portuguez	Desenho	Portuguez

Fonte: Arquivo do Colégio Imaculada Conceição de Capela.

Como se pode perceber, as alunas começavam os seus trabalhos a partir das oito horas da manhã e terminavam às 11h50min. Isso aconteceu também no decorrer dos anos em que a professora Júlia Cabral esteve cursando o magistério, alterando as ordens da disciplina e a quantidade de disciplinas, pois no ano de 1937, quando ela fez o segundo, ano foram acrescentadas em seu currículo as disciplinas de Inglês e Corografia.

Figura 2: Recorte do horário do 2º ano do Curso Normal da Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição, 1937.9.

Horario do 2º anno normal						
Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sabbado
8 - 8 ⁵⁰	Gymnastica	Gymnastica	Inglez	Arithmetica	Inglez	Arithmetica
8 ⁵⁰ - 9 ⁴⁰	Inglez	Francez	Desenho	Francez	Desenho	Francez
9 ⁴⁰ - 10	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
10 - 10 ⁵⁰	Arithmetica	Manual	Musica	Manual	Musica	Desenho
11 - 11 ⁵⁰	Portuguez	Corographia	Portuguez	Corographia	Portuguez	Corographia

Fonte: Arquivo do Colégio Imaculada Conceição de Capela.

8 SERGIPE, *Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição de Capela*, 28 de fevereiro de 1936. Arquivo da Escola Imaculada Conceição de Capela-SE.

9 SERGIPE, *Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição*, 1937. Arquivo da Escola Imaculada Conceição de Capela-SE.

No terceiro ano, outras alterações ocorreram no currículo da professora Júlia Cabral. A nomenclatura da disciplina Ginástica foi alterada para Educação Física, são retiradas as disciplinas de Francês e Inglês e introduzidas as disciplinas de História da Pátria e História Natural.¹⁰ Estas mudanças e transformações eram decididas pela Congregação do Colégio e deliberadas pelos professores.

Figura 3: Recorte do horário do 3º ano do Curso Normal da Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição, 193811.

Horário do Terceiro Ano Normal.						
Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
	Ed. física	Ed. física	Matemática	Inab. comunit	Português	Inab. comunit
	Física	Hist. Natural	Física	Hist. Natural	Física	Física
	Português	Hist. Patria	Português	Hist. Patria	Português	Hist. Patria
	Matemática	Inglês	Matemática	Inglês	Matemática	Inglês

Fonte: Arquivo do Colégio Imaculada Conceição de Capela.

Em seu primeiro ano de curso, teve como colegas as alunas: Irmã das Neves, Maria Yolanda Ferreira, Maria Lidia Meneses Andrade, Antônia Ferreira Melo, Ana Marcieira Aguiar, Maria de Lourdes G. Cabral, Maria Conceição Rosa, Luiza Andrade, Valdira Melo de Sousa, Celina Melo, Maria Isabel, Rita Guimarães Costa, Helena Almeida Barreto e Maria Lúcia Cabral. A maioria das meninas que estudaram com Júlia era pertencente às famílias tradicionais da região.

Tanto Júlia como suas colegas passavam por um rigoroso exame de avaliação das disciplinas para que assim fosse possível verificar o nível de aprendizagem das alunas. No ano de 1936 elas tiveram que fazer quatro avaliações: duas no primeiro semestre e duas no segundo. Assim foi nos outros três anos enquanto aluna, o detalhe é que no último ano ela fez as aulas práticas do curso no Orfanato Asilo São José.

Através dos registros das escolas é possível perceber que Júlia era uma aluna assídua e quase não faltava às aulas, como ela mesmo dizia que não era uma das melhores alunas, mas no decorrer do curso ela obteve boas notas. Em suas primeiras provas do primeiro ano, ela obteve as seguintes notas: Português 70 pontos, Aritmética 95, Francês 95 e Geografia 100. (SERGIPE, Livro de Registro das Faltas e das médias dos alunos,

10 Até o momento da conclusão deste trabalho não foi possível encontrar o horário do 4º ano, mas é bem possível que no 4º ano ela tenha feito a prática do magistério no Orfanato Asilo São José.

11 SERGIPE, *Ata da Reunião da Congregação do Colégio Imaculada Conceição, 1938*. Arquivo da Escola Imaculada Conceição de Capela-SE.

1936)¹². No primeiro ano ela obteve como média, 85 pontos, no 2º ano 88, no 3º ano 72 e no 4º ano 78.

Ao terminar o curso, já no início de 1940, houve a sua formatura, que apesar do seu pai não querer conduzi-la para receber o diploma, ela exigiu que o mesmo fosse. Toda turma que se formava no Colégio fazia um quadro grande para ser pendurado em uma das paredes da Instituição. Além disso, todos os convidados e as normalistas iam vestidos a rigor. A formatura nesse estabelecimento era um evento que atingia todos os moradores da cidade e através dele as normalistas tinham os seus momentos de visibilidade social.

Irmã das Neves, Helena Barreto, eu, Rita (colegas), era umas dez ou doze meninas, tinha um quadro muito bonito. Tinha gente de vestido a rigor, a rigor. Meu pai foi que me levou... Um tio meu veio de São Paulo e queria me levar. Eu coloquei 'o pé na parede' e disse que quem me levava era o Senhor (o pai). (Maria Júlia Cabral, 2014).

Antes de se formar, ela fez a sua prática na instituição que foi criada por seus parentes. O Asilo e Orfanato São José surgiu quando a sua tia, Maria Glória Mota Cabral, conhecida como Lola se uniu a sua irmã, Maria Evangelina Cabral, conhecida também como Nina, e ministravam aulas de catecismo perto de uma pequena igreja localizada na cidade de Capela. No período em que ministravam essas aulas, perceberam a necessidade de cuidar das crianças órfãs. Com isso, Lola resolveu criar um orfanato para as meninas órfãs e se uniu a Nina para começar todo esse trabalho. (MACHADO, 1998)

Figura 4–Imagem de Maria da Glória Mota Cabral (à esquerda) e a de Maria Evangelina Cabral Machado (à direita).



Fonte: Acervo Particular de Maria Otília Cabral de Souza

12 SERGIPE, Livro de Registro das Faltas e das médias dos alunos, 1936. Arquivo da Escola Imaculada Conceição de Capela-SE

Diante disso, ambas resolvem criar um espaço adequado para desenvolver os trabalhos, porém Lola adoece e quem vai continuar com o trabalho será Nina. Mesmo doente Maria da Glória consegue uma intervenção para o Orfanato. Depois o orfanato passa a ter um novo estabelecimento e se muda para uma casa maior e através da ajuda de familiares, bazares e quermesses, Nina compra uma casa em uma das praças principais da cidade que era a Praça do Amparo, o que permitiu que fosse construída a nova sede do Orfanato. “Era uma grande casa com andar, possuindo várias salas de aula, dormitório das internas e igrejinha” (MACHADO, 1998, p. 321)¹³. Em 19 de fevereiro de 1929, é inaugurado o orfanato na nova sede.

Figura 5: Asilo São José



Fonte: Acervo Particular de Maria Otilia Cabral Souza.

Nesse local Maria Evangelina colocava as suas sobrinhas para ensinar, como Maria Júlia Cabral era uma de suas sobrinhas, acabou realizando a sua prática escolar e sendo em seguida nomeada para ensinar no Orfanato. A sua primeira atuação profissional foi junto com a sua prima, homônima de Maria Júlia Cabral. Julinha, assim era chamada por dona Júlia, ficou impressionada com a desenvoltura da sua sobrinha e falou com Nina para que ela fosse ensinar no orfanato¹⁴.

13 MACHADO, Manoel Cabral. *Brava Gente Sergipana e Outros Bravos*. Aracaju: Editora Já Andrade, 1998.

14 Manoel Cabral Machado relata que Maria Evangelina Cabral Machado: “Depois, já velha passou a direção às irmãs religiosas, e afinal, veio falecer em Aracaju, em casa do seu filho Manoel”. (MACHADO, 2005, p. 163). As irmãs do Colégio Imaculada Conceição é quem assume o orfanato, porém até a conclusão dessa pesquisa não se sabe o ano que houve essa transferência.

Fui para o orfanato, ai Julinha, a minha prima, pediu ao governador para me nomear... Esqueci o nome dele (do governador). Eu dava prática no salão dela e quando eu ia para o salão dela eu tomava conta. Ela fica oi... (faz um gesto com a mão na boca, como se a prima dela ficasse parada, observando), e eu dando aula com uma arruma de aluno. (Maria Júlia Cabral, 2014)¹⁵

O governador que a nomeou foi Maynard Gomes durante o ano de 1942. Apesar de ela ter ensinado a partir de 1939, somente três anos depois ela seria nomeada. O seu primo, Manoel Cabral Machado, filho de dona Nina possuía relações com o então interventor do Estado, o que pode ter auxiliado no processo de nomeação de Maria Júlia Cabral. Uma das meninas que foram suas alunas, Maurina Oliveira de Souza, relata que dona Júlia era uma boa professora, linda, simpática e bastante educada (Maurina Oliveira de Souza, 2014)¹⁶. Na primeira turma que dona Júlia ensinou estava presente o seu irmão, Manoel Inácio Cabral, como aluno dela.

Eu comecei a ensinar mocinha nova, primeiro, segundo, terceiro ano, tudo junto, sabe. Onde dei diploma a Hilda e a Manu, meu irmão, o diploma do curso primário. Outra coisa, eu era uma professora independente. Ei, chega manda o aluno ir para a secretaria. Não, quando eu dava um grito era um grito mesmo. (Maria Júlia Cabral, 2014)¹⁷

A turma de Dona Júlia não era nada pequena e os alunos com idades diferentes frequentavam a mesma turma, tanto meninos como meninas, apesar do orfanato ter sido criado para as meninas, frequentavam a escola meninos também, porém, eles não eram internos. Abaixo temos uma foto de todos os alunos do orfanato. As crianças que estão sentadas são as que estavam recebendo o diploma do curso primário. Da esquerda para direita está o Padre Juca, Hilda Andrade, ao lado de Hilda até a conclusão dessa pesquisa, não foi possível reconhecer, Dona Nina, Maria Júlia Cabral, Estela, Manoel Cabral, que era seu irmão mais novo.

15 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

16 SOUZA, Maurina Oliveira. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 14 de julho de 2014.

17 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

Figura 6: Fotos dos alunos e da turma de Maria Júlia Cabral.

Fonte: Acervo Particular de Maria Júlia Cabral, sem data.

Em 10 de fevereiro de 1945, Dona Júlia deixa de ensinar, pois resolve casar com o seu primo, Manoel Figueiredo Cabral, conhecido pelos familiares como Nelito. Ao casar, eles vão morar na Fazenda São José, na cidade de Capela. Com Nelito, Dona Júlia teve dois filhos: Antônio Carlos Cabral e Ieda Cabral. Pouco tempo depois do nascimento da menina, Ieda falece, vítima de uma infecção no umbigo e seis anos depois de casada o seu esposo morre acometido por tuberculose, ficando somente ela e o seu filho Antônio Carlos.

Tive dois filhos Antônio Carlos, a outra é... Não me lembro do nome tinha uma loucura para ter uma menina. Oh Mile, só com o tempo, e quando eu me casei fui morar no mato. Não tinha água, luz, tinha candeeiro e eu não tinha medo. Tinha uma malustrada assim, eu passeava na estrada rezando, ele dizia assim: 'Oh fia entre'. Ele (esposo) tinha medo, mas ele não dizia. Era pra eu entrar e eu nem ai, não tinha medo de nada. Meu Deus, como a vida da gente muda! Quando eu me casei, o juiz... 'quer diminuir a idade?' Não, bote a idade que eu tenho. (Maria Júlia Cabral, 2014)¹⁸.

Depois da tristeza de ter perdido o seu marido e sua filha, Maria Júlia volta a morar na casa dos seus pais e decide voltar a ensinar e a estudar um curso de aperfeiçoamento no Colégio Imaculada Conceição. Para fazer esse curso, ela teria que passar no concurso. Porém, ela não acreditava na sua capacidade. Sendo estimulada pelo seu primo, Manoel Cabral Machado, Maria Júlia faz o concurso e é aprovada.

18 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

Em 1952, ela volta a ensinar no Orfanato das Tias, sendo nomeada por Arnaldo Rolemberg Garcez (1951-1955). Porém, quando Leandro Maciel assume o poder, ela é transferida para Indiaroba-Se, cidade localizada muito distante de Capela. Diante disso, ela decide não assumir e consequentemente Júlia é demitida. Mas, mesmo assim, ela continuou no orfanato recebendo um baixo ordenado que a sua tia conseguia através de doações para pagá-la.

Essa transferência acontece devido às divergências políticas. Como Maria Júlia fora nomeada por Arnaldo Rolemberg Garcez, que pertencia ao partido do PSD, Leandro Maciel, que era de outro partido, o UDN, resolve transferir aqueles que eram a favor de Arnaldo Rolemberg Garcez.

Como a sua tia Nina atinge certa idade, ela começa a não ter condições de dirigir o orfanato sozinha, então Maria Júlia e seu filho Antônio Carlos vão morar no orfanato por volta do ano de 1956. *“Eu e mamãe vivemos somente pouco tempo no orfanato, acho que só foi um ano”* (Antônio Carlos Cabral, 2014)¹⁹.

No período que ela ensinou no orfanato, ministrava as disciplinas de Português, Matemática, História e Geografia. Ela ensinava *“um pouquinho a um, um pouquinho a outro e no fim...”* (Maria Júlia Cabral, 2014)²⁰. Através desse depoimento podemos deduzir que ela ensinava pelo método individual era tudo misturado, primeiro, segundo terceiro ano. Como a sala tinha alunos de diferentes níveis de aprendizagem, Maria Júlia ensinava individualmente cada aluno.

Dona Júlia dizia que não agredia as crianças, o que era confirmado por sua ex-aluna Maurina (2014), mas na sabatina, que era uma arguição sobre alguns assuntos, muitas vezes era a tabuada, o aluno que acertou agredia o aluno que errou.

Em 1957, quando seu filho tinha completado 11 anos de idade, Maria Júlia Cabral, decide morar em Aracaju para seu filho cursar o Ginásio na Escola Jackson de Figueiredo, escola esta que era particular. Em Aracaju, ela passa um tempo, o que fez com que ela se afastasse mais uma vez da profissão docente. Morava na Rua de Geru, localizado no centro da cidade e perto da escola do filho. Com o objetivo de sobreviver ela resolve fazer *“atravessadora”*, em que ela comprava as rendas, bordadas da cidade de Tobias Barreto –SE e enviava para que seu irmão, Manoel, que estava morando em São Paulo, para que ele pudesse vender.

Ela comprava costura, essas coisas de bordado, de Tobias Barreto e mandava para São Paulo, pro irmão vender. Ai ela pegava a comissão dela. Eu era quem levava tudo pro correio, fazia o embrulho, coisa pra despa-

19 CABRAL, Antônio Carlos. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 09 de julho de 2014.

20 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

char no correio, a mulher já me conhecia. O certo seria fazer o embrulho lá né, levar aberto e fazer lá, mas levava prontinho e fazia o despacho, né, como a gente chamava. (Antônio Carlos, 2014)²¹

Depois dessa experiência, em 1958 ela começou a ensinar no Colégio Laudelino Freire, localizado no Santo Antônio. Passou pelo Colégio Getúlio Vargas, que ficava no Bairro Siqueira Campos em Aracaju e terminou sua carreira no ano de 1974, na escola do quartel de bombeiros. Suas atuações docentes nesses lugares serão contadas em outra oportunidade.

Até o momento que ela foi morar em Aracaju, podemos analisar a identidade de uma professora que, mesmo pertencente a uma família tradicional, não deixou de passar situações difíceis, tanto na sua vida profissional como na sua vida pessoal. Claro que as relações familiares que ela possuía permitiram que ela atuasse em espaços escolares. Além disso, pudemos perceber que foi enquanto aluna, pessoa de idoneidade, responsável, de boas notas e que soube, do seu jeito, enfrentar as discórdias com o seu pai devido a diferenças de pensamento.

Considerações Finais

Para Gagnebin (2006)²², a identidade dos sujeitos está sempre em processo de formação. As relações que o sujeito produz no decorrer da sua vida também reflete na formação da uma identidade. Essa relação do sujeito individual com o seu grupo social, é caracterizado por Nobert Elias como relação de interdependência.

Desde que permaneçamos dentro do âmbito da experiência, contudo somos obrigados a reconhecer que o ser humano singular é partejado por outros seres humanos. Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais, por sua vez tornam pais. E não se pode entender como e porque os indivíduos se ligam em uma unidade maior; uns através dos outros e com os outros. (ELIAS, 1994, p. 26)²³

A ligação que Maria Júlia possuiu com os seus familiares permitiram que ela tivesse uma atuação profissional, inicialmente em um local familiar. Sua prima, também professora, foi quem percebeu o potencial de Maria Júlia Cabral e abriu as portas para que ela começasse a atuar como docente no Orfanato Asilo São José, que foi criado por suas tias. Além disso, sua relação com o seu primo Manoel Cabral Machado permitiu que ela percebesse a capacidade que ela possuía para fazer o curso de aperfeiçoamento e aprimorar os seus estudos.

21 CABRAL, Antônio Carlos. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 09 de julho de 2014.

22 GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

23 ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

As suas relações com os parentes demonstram como se deu o desenvolvimento de uma identidade docente. No decorrer da sua vida, outras relações de interdependência apareceram e interferiram em sua trajetória profissional. A interferência deu-se por causa do seu casamento com Manoel Figueiredo Cabral (Nelito). Neste momento, estava à tona a formação da identidade “*mulher do lar*”. Com a morte do senhor Nelito e diante da situação econômica que a nossa personagem vivenciava, ela resolve reestruturar a sua identidade docente, atuando novamente no Orfanato São José.

Ao comentar sobre o seu casamento ela relembra com bastante alegria, mas quando toca o assunto da morte do seu amado, lágrimas aparecem nos seus olhos e ela fala: “*eu não quero falar sobre isso*” (Maria Júlia Cabral, 2014)²⁴. Essa tentativa de não falar, de tentar esquecer, faz parte de toda a nossa formação enquanto sujeitos que procuram evitar o sofrimento e a dor causados pelas experiências do decorrer da vida. (BALANDIER, 1999)²⁵.

Nas lembranças contadas pela professora Júlia, houve momentos que ela falava dos fatos e voltava a repeti-los e houve momento que ela misturava os acontecimentos na escola do Quartel dos Bombeiros como se tivesse acontecido no Orfanato, além dela não se lembrar de elementos que eu, no papel de pesquisadora, julgava como essencial, mas, como nos alerta Halbwachs (1990)²⁶, não são todas as lembranças que estão registradas na nossa memória, mas somente aquelas que nós selecionamos.

No decorrer da entrevista, fatos contados por outros sujeitos envolvidos na relação com a professora Júlia foram comentados com a entrevistada, para que as lembranças dos outros tivesse ponto em comum com a lembrança da personagem estudada. Por isso acontecimento, comentado pela sua ex-aluna, pelo seu filho e familiares foram mencionados para que as pudesse ser percebido os pontos em comum, mas não era tudo que Júlia se lembrava, alguns elementos foram esquecidos.

Apesar de ela ter vivenciado um bom tempo no Orfanato, sua fala sempre reflete mais ao tempo em que foi professora do Quartel, pois o tempo vivido no Orfanato, segundo Júlia, não foi a mesma coisa vivida no Quartel. Quando perguntei a ela qual foi o local que ela mais gostou de ensinar, imediatamente respondeu: “*quartel*”, visto que ela gostava, pois os alunos eram adultos e não eram mais crianças. Apesar de ter experiências iniciais no Orfanato São José, foi no Quartel dos Bombeiros que ela mais se identificou.

24 CABRAL, Maria Júlia. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 13 de julho de 2014.

25 BALANDIER, Georges. *O Dédalo*: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

26 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.



Sua atuação no Quartel será um tema para próxima oportunidade. Neste trabalho tive somente o desafio de apresentar as representações da identidade de uma professora que, apesar de pertencer a uma família tradicional, passou por experiências dolorosas, as quais repercutiram no seu desenvolvimento. Teve que enfrentar o pai para estudar, batalhou, formou pessoas e teve relações que foram relevantes para a sua atuação profissional. A partir das fontes analisadas e das suas lembranças, as representações que se constituem são de uma professora determinada, responsável, organizada, que guarda lembranças alegres e algumas tristes, as quais ela prefere não recordar. No final ela diz: *“Mile, foram 35 anos, 35 anos, não foi fácil, não foi!”*

